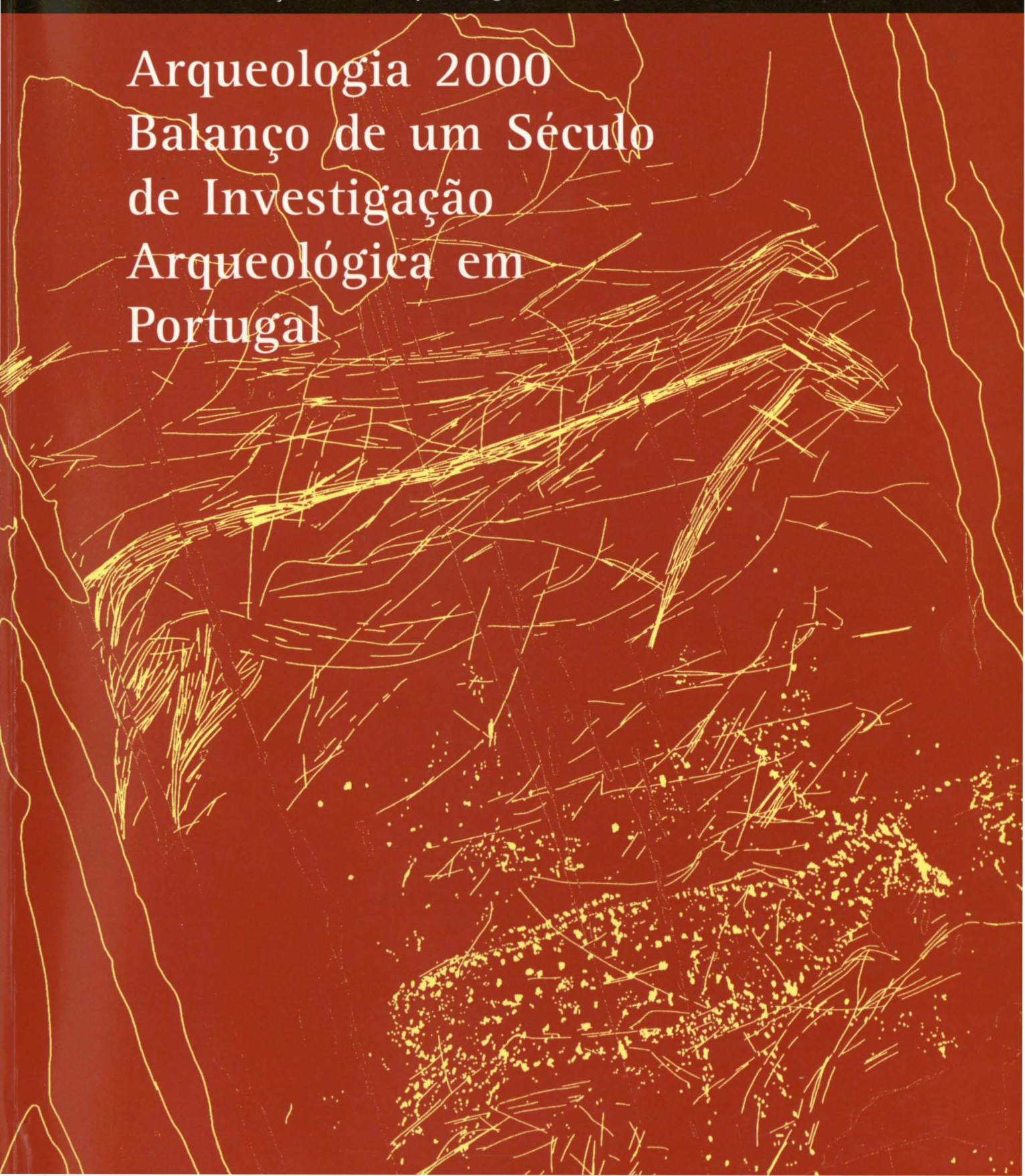


ARQUEOLOGIA & História



Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº54 | 2002

Arqueologia 2000 Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal



Titulo

Arqueologia e História

Volume

54

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Largo do Carmo, nº 4, 1º direito, 1200-092 Lisboa
Tel.: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Coordenação

José Morais Arnaud

Projecto gráfico

oficina de design Nuno Vale Cardoso & Nina Barreiros
Capa 2.º desenho original de M. V. Gomes

Impressão

Europress – Editores e Distribuidores de Publicações, Lda.
Praceta da República, 15 – 2620-162 Póvoa de Santo Adrião
Tel.: 21 938 14 50 · Fax: 21 938 14 52
e-mail: europress@mail.telepac.pt

Tiragem

1000 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

ISSN

972/9451-39-7

Depósito legal

73446/93

Solicita-se permuta
Exchange wanted

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva
responsabilidade dos respectivos autores

Patrocínio



O Século XX e a Arqueologia Muçulmana em Portugal

Rosa Varela Gomes

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa
Av. de Berna, n.º 26 C, 1069-061 Lisboa

1. Da tradição à investigação arqueológica

"Só os grandes monumentos ceramographicos de arte mahometana têm attrahido quasi exclusivamente a attenção dos sabios. Todos mais ou menos fallam da famosa jarra da Alhambra, mas deixam em esquecimento as louças que deveriam ser communs no uso da vida doméstica, que são, a meu ver, as que mais conviria colligir todas as vezes que os seus proprios fragmentos se manifestassem em condições propicias ao estudo, porque é do seu conjunto que deve deduzir-se o tipo artistico vulgar; o que infelizmente não se tem podido fazer em Portugal por falta de explorações, de museus bem organizados, e mesmo de especialistas n'este ramo tão variado e difficil da sciencia archeologica" (Veiga, 1880, 162, 163)

1.1 Lendas sobre mouros e mourinhas encantadas são bem conhecidas e divulgadas no actual território português, sendo os locais a eles associados sinónimo de riqueza para quem os encontrar, em especial nas noites de S. João ou de Lua Cheia.

Com aquele povo está conotada não só a noção do seu poder económico, como de diferentes saberes, que as lendas deixam transparecer, mas, também, a ele se liga a antiguidade de muitos locais registados através da toponímia, como Fraga da Moura, Forno dos Mouros, Monumento das Mourinhas, Cova da Moura ou Covas dos Mouros, entre outros exemplos, e, ainda, referências a antigas povoações ou locais de culto, registados com a designação de Alcaria e Mesquita; considerando-se, de igual modo, como sendo "obra dos mouros", todos os vestígios relacionados com subterrâneos ou fortificações de cronologia incerta (Azevedo, 1897, 231, 235; 1899-1900, 282; 1901, 69, 71, 77, 104, 111, 159, 237; 1902, 76, 126, 238, 269, 320; 1903, 76, 101, 215; 1905, 278, 280; Correia, 1905, 200, 201; Dias, 1944; Figueiredo, 1895, 157; 1897, 219, 220, 284; Lopo, 1905, 239; Pereira, 1904, 217; 1914, 354; Rasteiro, 1897, 8; Vasconcellos, 1903, 251; 1914, 308; 1917, 112, 113, 135; 1919-20, 229, 230-232; 1930-31, 232, 233).

O interesse pelos testemunhos clássicos, greco-romanos, preteriu, de certo modo, o estudo de obras

ulteriores, nomeadamente as islâmicas, devendo-se, esse facto, possivelmente, tanto a questões de ordem sócio-política como à proximidade, de algum modo ainda recente, da ocupação do reino de Granada e, quiçá, às constantes ameaças, provocadas pelos "infiéis" às estruturas do poder europeu. Contudo, D. João V manda proteger, por decreto de 1721, monumentos que incluem, além dos edifícios, "(...) as Estatuas, Mármores e Cippos em que estiverem esculpidas algumas figuras, ou tiverem letreiros Fenices, Gregos, Romanos, Goticos, Arabicos ou Lâminas, ou Chapas de qualquer metal (...)", promovendo-se, daquele modo, através de legislação específica, a protecção dos vestígios islâmicos (Almeida, 1965, 104).

1.2 O início de nova área de investigação no âmbito da Arqueologia, ou seja da Arqueologia Islâmica, tem antecedentes que, a nosso ver, remontam ao século XIX e aos inícios do século XX, com os movimentos românticos e a "redescoberta" das grandes obras construídas, durante a antiga administração muçulmana, tanto no Oriente como em Espanha.

A Giralda de Sevilha, a Mesquita de Córdoba, a cidade califal de Medinat-az-Zahra, a Alhambra de Granada ou, mesmo, a Aljaferia de Saragoça, passam a integrar o imaginário oriental, e certo fascínio, que se irá reflectir em variadas formas de manifestações artísticas, como na arquitectura, que adoptou soluções e elementos decorativos próprios da arte muçulmana, num importante ramo da pintura e, até, no quotidiano de certas elites.

Em Portugal, como não dispomos de construções islâmicas com a grandiosidade das mencionadas, limitámo-nos a atribuir aos "mouriscos" edifícios em várias localidades, nomeadamente fortificações, e os "temas árabes" chegam a fazer parte do concurso para provimento do lugar de professor, da 13ª cadeira, da Academia de Belas-Artes de Lisboa (Cunha, 1905; Leal, 1873, 165; N/A, 1842, 209, 210; N/A, 1894, 203; N/A, 1908, 306, 307).

Escreveram-se então sínteses históricas e romances com personagens "mouras", em um dos quais a narração foi desenvolvida tanto na alcáçova de Silves como

no palácio de Medinat-az-Zahra (Garret, 1962, 62-90; Herculano, 1847, 53; 1858, 15; Lopes, 1844; Vasconcellos, 1919-20). Em 1892, realizou-se, em Lisboa, o Congresso Internacional de Orientalistas, tendo Silves como tema de uma das comunicações apresentadas (Fabricius, 1892).

1.3 Os museus portugueses começam, então, a exhibir espólios islâmicos, muito embora os artefactos daquele período não sejam numerosos, sobretudo se comparados com as colecções pré e proto-históricas ou do Período Romano, reflectindo desinteresse por tal área da investigação.

No plano de organização do Museu Etnológico Português existia secção denominada "Epoca Arabica", que resistiu até 1979, altura do seu encerramento ao público, tendo, desde aquela data, todo o espólio medieval, e não só, sido guardado (Vasconcellos, 1915, 34-39).

Na revista científica do Museu citado, com mais de um século de existência, além de referências a doações ou a aquisições de novas peças islâmicas, foram publicadas diferentes notas sobre vestígios daquele período, como os que mencionam a presença de silos (no sítio do Enterreiro em Castro Marim e junto ao castelo daquela povoação), ou estudos que valorizam a importância estratégica de certas fortificações (Coimbra, Sesimbra e Palmela) (Campos, 1907; Carvalhaes, 1911; Guimarães, 1895; Henriques, 1895, 117, 118; Machado, 1919-20, 243,258; Pereira, 1909; Rasteiro, 1897, 34, 37, 39, 42; Sá, 1906, 197-199).

Nos finais do século XIX, A. dos Santos Rocha tentou obter, para o recém-criado Museu Municipal da Figueira da Foz, conjunto de peças muçulmanas, deslocando-se com esse propósito ao Algarve. Dessa viagem resultou a notícia da identificação de algumas estações arqueológicas, assim como de materiais atribuídos ao Período Muçulmano (Rocha, 1895, 113-116; 1897, 189; 1909).

Entre aqueles assinala-se fragmento de alguidar, esmaltado de cor verde no interior, encontrado em Bensafirim, mas que, pela descrição, parece tratar-se de exemplar produzido no século XVI, tal como outro espólio recuperado na mesma povoação e, ulteriormente,

publicado por aquele investigador (Rocha, 1895, 113, 209; 1897, 189; 1909).

No guia do Museu Archeologico Infante D. Henrique, de Faro, Monsenhor Botto menciona peças muçulmanas provenientes de Silves, oferecidas àquela instituição, embora, no catálogo da exposição permanente, registre, apenas, a presença de numismas e de estela funerária (Botto, 1899, 63, 117).

1.4 Na introdução à obra "Cerâmica Portuguesa", José Queiroz valoriza a importância dos "árabes" em relação a novas formas e técnicas de fabrico de artefactos de cerâmica. Conhecedor dos belíssimos objectos provenientes da Alhambra escolhe, como exemplo nacional, tabuleiro recuperado nas "escavações em Silves", que descreve e atribui ao século XI, não o tendo, no entanto, reproduzido (Queiroz, 1907, 10). Pensamos tratar-se de lavabo, ou pia de abluções, dos inícios do século XIII, decorado por estampilhagem e esmalte de cor verde, proveniente do Castelo de Silves, que integra a colecção do Museu Nacional de Arqueologia (M. N. A., 17097).

A interpretação de textos, estudos numismáticos, trabalhos sobre peças encontradas muitas vezes isoladas e pertencentes a colecções particulares, como leituras epigráficas, de inscrições integradas em elementos ebúrneos ou em lápides guardadas nas colecções do Museu de Faro, Museu de Beja, Museu do Carmo, Museu Nacional de Arqueologia e do Museu de Braga, constituem os primeiros contributos científicos dedicados a espólios muçulmanos (Azevedo, 1896, 254; 1908, 72, 73; Botto, 1899, 63, 117; Cunha, 1905; Domingues, 1956; Figanier, 1949; 1959; Leal, 1873, 165; Lopes, 1895, 271-279; 1896, 205-206; Nykl, 1941, 11, 12; Rasteiro, 1897, 6; Rios, 1886, 100; Seybold, 1903, 123-126; Vargas, 1907; 1907a; 1914; 1915; 1916; Viana, 1945, 240; 1961-62, 154; N/A, 1842, 209, 210; N/A, 1894, 9).

Como é natural, dada a mais prolongada presença islâmica no Algarve e Alentejo, estas regiões integram os primórdios da investigação arqueológica naquela área no nosso país, remontando os trabalhos ali efectuados aos tempos pioneiros da Arqueologia.

Estácio da Veiga, A. dos Santos Rocha, J. Leite de Vasconcellos e Abel Viana, entre outros, ali identificaram e recolheram objectos arqueológicos medievais ou realizaram escavações em sítios com testemunhos da presença muçulmana. De facto, tais investigadores foram responsáveis pelo estudo e divulgação de espólios provenientes de Aljezur, Bensafrim, Lagos, Silves, Faro ou Mértola, que pertenciam às colecções de museus municipais, distritais e do hoje Museu Nacional de Arqueologia (Rocha, 1909, 20-21, est. III; Santos, 1972, figs. 218, 219; Vasconcellos, 1897, 193; 1902, 119-123; 1918, 133-135, fig. 15; Veiga, 1887, 419-428; 1889, 43; Viana, Formosinho e Ferreira, 1953, est. IV).

Estácio da Veiga identificou e escavou diversos silos medievais no concelho de Aljezur e em Bensafrim, tendo procedido ao levantamento desenhado de três cisternas no Castelo de Silves, dois dos quais chegaram até nós, onde recolheu diverso espólio (Santos, 1972, 99, plantas, 18, 19). O mesmo autor refere o castelo de Aljezur, acompanhado por pequena descrição, classificando-o como sendo "árabe" (Veiga, 1905, 109). Realizou, também, a planta do castelo do Alferce (concelho de Monchique), não lhe atribuindo cronologia, indicando, apenas, tratar-se de "fortificação arrasada" presumindo-se, por isso, que, na altura, estivesse já mal conservada. No entanto, a sua sobrinha-neta classifica-o como romano ou árabe (Santos, 1972, 69, fig. 203; Veiga, 1887, 378). Estácio da Veiga ainda inventariou o *hisn* de Porches, que considerou como "castelo romano", devido, possivelmente, ao mau estado de conservação do perímetro fortificado (Veiga, 1887, 378).

Aquele incansável investigador efectuou sondagens no castelo de Mértola, onde recolheu cerâmicas romanas e árabes, tendo representado graficamente planta da cisterna ali existente, que classificou como islâmica, cronologia igualmente atribuída à necrópole que localizou na área urbana daquela vila e de que publicou algumas lápides (Veiga, 1880, 138-141, 146-162). O estudo efectuado por Estácio da Veiga em Mértola, constituiu significativo contributo para o conhecimento dos vestígios islâmicos naquele núcleo urbano e, em particular, no respeitante à alcáçova.

J. Leite de Vasconcellos parece não ter procedido a

escavações naquelas regiões, limitando-se a obter, por oferta ou compra, peças, provenientes de recolhas casuais, detidas por particulares, alguns dos quais conhecidos colecionadores, com que enriqueceu o Museu Etnológico. Publicou aquele espólio, acompanhado de pequenas descrições e respectivo desenho, em o *Arqueólogo Português* (Vasconcellos, 1895, 301; 1899-1900, 247, 248, fig. D; 1902, 119-123; 1918, 133-135, fig. 15; 1919-20, 230; 1930-31, 240, fig. 7).

Nos artigos mencionados, Leite de Vasconcellos transmite importantes indicações sobre distintos arqueossítios, como o povoado da Alcaria Longa, na freguesia de S. Miguel do concelho de Mértola, que assinala como tendo "casas de mouros", informação ulteriormente confirmada com os trabalhos arqueológicos efectuados, ou a Senhora da Cola, considerada como local onde se deviam efectuar escavações arqueológicas (Boone, 1992; 1993; 1996; Vasconcellos, 1919-20; 1930-31, 238-241).

Abel Viana, ou com colaboração, deu a conhecer cerâmicas muçulmanas, acompanhadas por fotografias e pelas dimensões, dos museus de Beja e de Lagos e, muito embora naqueles trabalhos não apresente qualquer sistematização crono-estilística, devido ao pouco conhecimento disponível sobre tais matérias, a sua publicação permitiu a divulgação daquele espólio (Viana, 1946, 27, 32; 1958, 30, est. IX; 1959, 8, 21, est. XII; 1960, 153-161; 1961-62, fig. 165; Viana, Formosinho e Ferreira, 1953, est. IV).

O "Estado Novo", nos anos quarenta, promoveu grandes campanhas de obras em diferentes monumentos portugueses, incluindo alguns dispositivos defensivos de origem muçulmana (Castelo de S. Jorge, Castelo de Silves, Castelo de Elvas, Castelo de Pombal). Tais trabalhos, realizados no âmbito das comemorações do oitavo centenário da nacionalidade, foram implementados pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, infelizmente sem qualquer acompanhamento arqueológico, tendo-se apenas registado, através de fotografias, o aspecto dos monumentos, antes e depois das intervenções. Tal documentação encontra-se, em parte, publicada nos "Boletins" daquela instituição. Todavia, muitos dos restauros então efectuados destruíram importante

informação, nomeadamente sobre as pré-existências arquitectónicas, desconhecendo-se, também, o paradeiro dos espólios inevitavelmente encontrados.

Na intervenção arqueológica que realizámos no Castelo de Silves, identificámos nível correspondente àquelas obras, a cerca de 0.60m de profundidade, a partir do solo actual, e verificámos que afectaram, em particular, sector nascente junto ao pano de muralha, onde atingiram o pavimento do palácio que ali pusémos a descoberto. Contudo, o bom estado de conservação do espaço habitacional mencionado, assim como o reconhecimento da primitiva entrada em torre anexa (torre 8), cuja fundação pôde ser atribuída à primeira metade do século XII, conduzem a pensarmos que, no caso em apreço, as obras realizadas nos anos quarenta, apenas refizeram panos de muralha, ampliaram o passeio de ronda e conferiram ao dispositivo defensivo aspecto bem mais homogéneo do que apresentaria na realidade.

Em 1958 Abel Viana iniciou trabalhos arqueológicos no castelo de Nossa Senhora da Cola, no concelho de Ourique, possivelmente na perspectiva de explorar povoação da Idade do Ferro. No mesmo ano, publicou, pela primeira vez, a planta de uma fortificação islâmica portuguesa, que hoje podemos classificar como *hisn* e, também, os materiais exumados (Viana, 1958).

As cerâmicas ali recolhidas foram datadas no Período Califal, embora as peças dadas a conhecer pertençam, claramente, aos séculos XII-XIII. Recentemente, procedeu-se a novo estudo, formal e decorativo, de conjunto de fragmentos de cerâmica, que utilizam a técnica decorativa nas cores verde e castanha, com cronologias atribuídas aos séculos X-XI (Gómez Martínez, 1998); aspecto que sugere indicar ocupação mais recuada da fortificação, sendo possível que tenha sido erguida no século X. Assim melhor se justificaria o aparelho visível na base dos panos de muralha, formado por blocos de pedra dispostos obliquamente ou em espinha.

Técnica construtiva semelhante, à antes assinalada, foi reconhecida na camada 5 do Castelo de Silves, classificada no século X, e para a qual dispomos de quatro datações radiocarbónicas que certificam tal atribuição cronológica (Gomes, 1999, 772).

O espólio exumado no Castelo da Cola confirma a sua precosa importância estratégica, desde o século X, tendo pervivido até meados do século XIII. Importa, no entanto, realizar o estudo integrado dos dispositivos defensivos e das outras estruturas ali visíveis, com a totalidade do espólio exumado.

1.5 Intervenções arqueológicas efectuadas de modo sistemático, servidas por metodologias próprias e incluídas em projectos de investigação com objectivos mais ou menos precisos, iniciaram-se, apenas, nos anos oitenta da passada centúria, tanto nos núcleos urbanos como rurais.

Aquela data corresponde, também, ao desenvolvimento, em continuidade, de nova via de investigação que, entre nós, se irá prolongar, concerteza, pela presente centúria. Assim, diferentes investigadores realizaram, nos últimos vinte anos, sínteses, mais ou menos completas, sobre a permanência muçulmana no nosso país, sendo os textos ilustrados com imagens de, alguns, testemunhos daquela presença, recuperados através de escavação (Almeida, 1986; Araújo, 1982, 270, 285; Catarino, 1993; 1993a; 1993b; Coelho, 1972; 1972 a; 1973; 1975; Gomes, 1988, 1997; Macias, 1992; 1999; Marques, 1993; Torres, 1992; Torres e Macias, 1995).

Nos finais do século XX continuaram a publicar-se estudos, mais desenvolvidos, sobre fortificações muçulmanas e diferentes espólios, designadamente cerâmicas, assim como sobre a reinterpretação de lápides ou a leitura de numismas. Alguns daqueles materiais são provenientes de níveis arqueológicos e outros foram recolhidos avulso, embora constituindo importante contributo para o conhecimento da vida, no actual território português, das comunidades islâmicas e moçárabes, durante os séculos VIII a XIII (Antunes, 1999; Antunes e Sidarus, 1993; Borges, 1989, 1991; 1993; 1998; Borges e Macias, 1992; Carvalho e Faria 1994; Carvalho e Fernandes, 1997; Correia, 1987; Gomes, 1998; Gomes, 1993; Gomes e Gomes, 1997; 2000; Kemnitz, 1993, 94; Labarta e Barceló, 1987; Luzia, 1996; Marinho, 1990; 1991; 1991-92; Real, 1995; Rei, A., 2000, 202-206; Silva, 1992; Soares, 1993; Torres, 1985).

Nos últimos anos foram investigados níveis com

espólios muçulmanos em centros urbanos, como Coimbra, Santarém, Lisboa, Almada, Palmela, Setúbal, Alcácer-do-Sal, Évora, Mourão, Moura, Beja, Aljustrel, Serpa, Tavira, Faro, Loulé, Albufeira, Portimão, Lagos, Aljezur e em outros locais onde se procederam a escavações integradas em projectos de investigação, em continuidade ou promovidas no âmbito de intervenções de emergência, relacionadas com obras privadas e, em particular, grandes obras públicas (Casa dos Bicos, Centro Cultural de Belém, construção de estradas e auto-estradas, barragens, marinas, etc...).

Daqueles trabalhos resultaram, por vezes, notícias especulativas, dado apresentarem interpretações ousadas e sem suporte científico, mas que fazem as delícias dos media. Também foram mostrados alguns resultados em colóquios, mas continuamos a aguardar, com grande expectativa, os estudos arqueográficos que teimam em não surgirem.

2. Arqueologia Muçulmana nos núcleos urbanos

Silves e Mértola constituem, no Sul de Portugal, projectos, ainda em curso, que ofereceram resultados inovadores, quer no campo científico, quer no didáctico e museológico, embora cada um deles tenha tido não só objectivos como evolução com dinâmica própria.

2.1 Em Silves os trabalhos arqueológicos iniciaram-se com a descoberta e a ulterior intervenção arqueológica no Poço-Cisterna, almoada, que, devidamente restaurado, foi classificado como Monumento Nacional (Gomes e Gomes, 1989). Este é, a par de troço da muralha da medina, a principal atracção do Museu Municipal de Arqueologia daquela cidade, que dispõe, também, de importante colecção do Período Muçulmano, exumada, em particular, na área urbana e na alcáçova.

Aquelas intervenções, realizadas com reduzidos subsídios do Estado e de instituições particulares, contaram com o apoio logístico da autarquia que, embora fosse parte interessada, actualmente pouco tem valo-

rizado os trabalhos arqueológicos ali desenvolvidos. Ilustra este aspecto o completo abandono das importantes ruínas do quarteirão da Arrochela, há quase uma década, propositadamente adquirido pelo município tendo em vista a sua musealização.

As intervenções realizadas, nos últimos vinte anos, tanto na alcáçova como na medina, proporcionaram testemunhos significativos da presença muçulmana. Os resultados foram publicados em diferentes trabalhos e permitiram a realização de duas teses, uma de mestrado e outra de doutoramento (Gomes e Gomes, 1989; Gomes e Gomes, 1995; Gomes, 1988; Gomes, 1990; Gomes, 1991; Gomes, 1993; Gomes, 1995; Gomes, 1997; Gomes, 1998; Gomes, 1999; Gomes e Cunha, 1991; Gomes, Cunha e Antunes; Gomes e Gomes, 1986; Gomes e Gomes, 1990; Gomes e Gomes, 1992; Gomes e Gomes, 1997).

Tais estudos foram, sempre que possível, efectuados de modo integrado, isto é, tentando relacionar edificações e espólios, com a construção da história das diferentes comunidades que, ao longo de quinhentos, anos se instalaram na antiga *Xelb*. A evolução de todos esses vestígios, e as estratigrafias reconhecidas, foram sendo confirmadas através de análises de radiocarbono, dispondo Silves de cerca de trinta datações, número seguramente muito superior a todas as existentes no resto do país para o mesmo período (Gomes, 1999, 58).

Os espaços habitacionais islâmicos que identificámos melhor conservados, pertencem à fase final daquela permanência (séculos XII-XIII), reconhecendo-se dois modelos arquitectónicos, bem distintos, que reflectem acentuadas diferenças socioeconómicas dos seus habitantes.

Ao modelo mais singelo, detectado na área urbana, correspondem restos de vivendas, de distintas dimensões, que têm como característica comum serem edifícios térreos, construídos principalmente em taipa, cujos espaços se articulam em torno de pequeno pátio central ou jardim, com passeador. Disponham de instalações sanitárias, ligadas a fossas sépticas ou a rede de esgotos e possuíam, quase sempre, cobertura em terraço. Fazia, ainda, parte do equipamento essencial de tais habitações, pequenas cozinhas, onde, em geral, se exumaram cerâmicas de ir ao fogo e contentores

para água ou alimentos diversos, surgindo, não raro, fragmentos de grandes talhas decoradas, com relevos, estampilhagem e esmalte verde, que se dispunham nos átrios ou nos compartimentos principais das casas.

O segundo modelo integra as habitações de tipo palatino, mostrando maiores dimensões. Entre elas podemos citar o complexo de banhos exumado na alcáçova, ainda em fase de escavação, protegido no lado sul por espesso muro onde se abria largo portão de acesso a amplo pátio com jardim, cujas dimensões totais ainda desconhecemos, dado não ter sido integralmente escavado.

A situação central e elevada daquelas estruturas sugere tratar-se do palácio do governador da cidade e do território de Silves. Esta área habitacional palatina encontra-se separada, através de rua, de uma outra correspondendo também a palácio, mas de menores dimensões, que foi integralmente explorado.

A via acima referida terminava em logradouro, que dava passagem para outros espaços habitacionais e a armazém ou estrebaria, do segundo palácio mencionado. No sentido contrário, ela ligaria a artéria que conduzia à entrada da alcáçova.

A última área palatina mencionada, possuía dois pisos, cobertura com telhado e desenvolvia-se em torno de dois pátios com diferentes compartimentos, que incluíam complexo de banhos privado, servido por depósitos de água, hipocausto, instalações sanitárias, etc. O acesso ao interior desta casa, fazia-se através de longo corredor que permitia, de igual modo, a entrada na torre rectangular que se encontra adossada à muralha (Gomes, 1999, 301).

Trata-se do único palácio até ao momento identificado no actual território português. O conjunto de estuques recuperados no seu interior é, de igual modo, raro nos contextos arqueológicos portugueses dado conhecerem-se, apenas, fragmentos encontrados avulso em Montemor-o-Velho, além do singelo painel que corresponde ao *mihrab* da antiga mesquita de Mértola.

Tem vindo a ser possível estabelecer evoluções técnicas, formais e decorativas das cerâmicas islâmicas, encontradas em Silves, dadas as sequências estratigráficas desenvolvidas que ali identificámos, em especial na alcáçova, indicando sensíveis variações funcionais e

de gosto artístico, tal como os reflexos de alterações sócio-políticas e religiosas. Assim, na alcáçova e na área urbana, reconhecemos e estudámos, pela primeira vez na Península, cerâmicas muçulmanas dos séculos VIII e IX (Gomes, 1988; 1995, 1999, 1633-1651). Sob aqueles estratos verificou-se a presença de cerâmicas tardo-romanas, de tradição autóctone ou visigótico-bizantina, cujo contributo haveria de permanecer nos estratos muçulmanos ulteriores, a par de outros provindos tanto do Próximo Oriente como do Norte de África (Gomes, 1988; Gomes e Gomes, 1990, 61-63; Gomes, 1999; Gomes e Gomes, 1990; Gomes e Gomes, 1992).

Não dispomos, por enquanto, de estruturas habitacionais que integrem o numeroso espólio exumado, nos níveis mais antigos da alcáçova, e se as áreas ocupadas pelas casa atribuídas aos séculos X e aos inícios da centúria seguinte são parcelares, o mesmo não se passa em relação às ocupações muçulmanas mais recentes, conforme mencionámos.

Além do estudo dos espaços habitacionais, que pusémos à vista em Silves (Arrochela, Pátio anexo ao Poço-cisterna, Residência Paroquial, Salão Paroquial), assim como de todo o espólio ali recuperado, realizámos a descrição, interpretação e atribuição cronológica dos dispositivos defensivos que cercavam a alcáçova e a medina.

Junto a um dos panos de muralha que rodeava o núcleo urbano, identificámos o mais antigo dispositivo defensivo que, logo no século VIII, terá assinalado a presença muçulmana na zona (Gomes e Gomes, 1990; Gomes e Gomes, 1992). Localizámos, através de dados documentais e arqueológicos, a rede viária urbana, assim como os principais edifícios da cidade islâmica, tendo em vista a sua evolução e compreensão funcional, em particular na sua fase final (Gomes, 1999; 1573-1611).

2.2 As escavações arqueológicas na vila de Mértola, realizadas em continuidade e sempre com grande apoio autárquico e estatal, puseram à vista bairro residencial na medina, estrutura designada por criptopórtico-cisterna, assim como acervo de cerâmicas islâmicas, das quais se destacam a série com decoração zoomór-

fica, fitomórfica e geométrica, de "corda seca", tal como outro espólio (Torres, 1986; Torres, 1995).

Aqueles vestígios foram sendo publicados em diferentes artigos, assinados pelo director e arqueólogos do Campo Arqueológico de Mértola e, ulteriormente, reunidos em síntese que constituiu a tese de mestrado de Santiago Macias, ou estudados de modo exaustivo, por conjuntos, em função da forma ou da técnica decorativa (Ferreira, 1992; Gómez Martínez, 1994; 1997; Khawli, 1992, 1993, 1994; Macias, 1992a; Macias e Torres, 1998; Mac Millan, 1997; Rafael, 1999; Torres, 1995; 1996; Torres *et alii*, 1991; 1996).

Muitos dos trabalhos publicados denominam por "bairro da alcáçova", área residencial, intervencionada pelo C. A. M (Macias, 1996, 45; Torres, 1995, 111). Todavia, julgamos que tal termo não se enquadra com a localização daquele sector do núcleo urbano, visto que, conforme consta em qualquer dicionário a palavra alcáçova indica espaço específico, isto é, "Fortaleza central de um castelo, castelo antigo fortificado=cidadela" (Dic. da Ac. das Ciências, 2001, 151).

Aquele aspecto foi tomado em consideração no início da tese de mestrado de Santiago Macias, que considera o núcleo urbano organizado em três áreas distintas (alcáçova, medina e arrabalde) embora, no mesmo trabalho, altere, inexplicavelmente, aquela organização e passe a chamar alcáçova ao que devia denominar por medina (Macias, 1996, 33, 111).

O bairro residencial referido, tal como os exemplos de Silves já mencionados, constituem, até ao momento, os únicos espaços residenciais, em áreas urbanas, escavados e publicados no actual território português.

Durante os trabalhos arqueológicos realizados em Mértola foi desentulhada, em uma das extremidades do bairro islâmico, estrutura rectangular, erguida entre duas torres rectangulares adossadas, e em conexão com o pano de muralha que, naquele local, cercava a medina, tendo sido considerada como criptopórtico-cisterna (Macias, 1996, 52-55; Torres e Oliveira, 1987, 618-621). Trata-se, a nosso ver, de construção edificada propositadamente para funcionar como cisterna e terá sido erguida em simultâneo com a muralha da medina; aspecto que verificámos, de igual modo, em relação ao Poço-

Cisterna muçulmano de Silves, sendo possível que as duas construções mencionadas sejam contemporâneas.

As janelas da cisterna de Mértola facilitariam o arejamento da água ali guardada, que abasteceria a comunidade residente naquele sector do núcleo urbano. A reutilização de materiais romanos ali reconhecida, é, como se sabe, muito comum e tem bons paralelos nas soleiras das portas do próprio bairro islâmico de Mértola, na alcáçova de Silves ou no *aljibe* de Mérida, pelo que se deve afastar a atribuição daquela estrutura ao Período Romano (Gomes, 1999, 125; Macias, 1996, 82; Maldonado, 1990, est. XXIV).

O espólio exumado nas escavações de Mértola deixa transparecer que, exceptuando algumas cerâmicas almoadas, 70% encontram-se desprovidas de contextos estratigráficos. Contudo, ali se tem estudado a evolução das cerâmicas das duas últimas centúrias de ocupação muçulmana, nomeadamente algumas provindas dos espaços residenciais mencionados, assim como outras peças, mais antigas, encontradas avulso. Não dispomos, infelizmente, apesar da numerosa equipa de arqueólogos ligados ao C. A. M., de estudos sobre a totalidade do espólio islâmico recuperado, promovendo-se normalmente a exibição de peças de cerâmica, devido a critérios estéticos e deixando-nos na expectativa de podermos conhecer mais, através de frases como: "numa das cozinhas de Mértola (casa II) encontrou-se... um interessante conjunto de louça de fogo", carecendo tais acervos de publicação integral (Macias, 1996, 103).

A tentativa de reconstituição dos quotidianos da Mértola islâmica tem-se realizado através de paralelos etnográficos, confundindo-se, por vezes, as informações arqueológicas com a realidade sub-actual, aspecto que incorre em perigos já de todos conhecidos, sobretudo quando não assenta em segura metodologia arqueológica, como acontece no caso em apreço (Torres *et alii*, 1991, 497, 499).

Aguardamos, pois, o estudo integrado daqueles materiais, com as estruturas habitacionais onde foram exumados, que, certamente, contribuirão, de modo decisivo para a obtenção de novos conhecimentos sobre tais matérias.

As informações arqueológicas disponíveis para Mértola, no final do século XX, confirmam os textos que a consideraram, apenas, como uma fortificação (Mazoli-Guintard, 1996, 318-320), faltando demonstrar, certamente com paixão mas de modo científico, o papel por ela desempenhado e a magnificência propagada em alguns textos.

No final do século e do milénio passados, ficámos sem saber se os enormes investimentos ali realizados são proporcionais aos resultados obtidos, tanto em termos científicos como sócio-culturais, ou seja será que a pretexto de impedir a desertificação de uma região, não se estará a criar Parque Arqueológico usufruído, apenas, por grupo reduzido de intelectuais?

2.3 Procedeu-se, sobretudo nos dois últimos decénios, à realização de numerosas intervenções arqueológicas de emergência, nos principais núcleos urbanos do nosso país.

Entre aquelas podemos referir o caso de Lisboa, onde se têm efectuado escavações dirigidas por arqueólogos do IPA, IPPAR, do Museu da Cidade, além de outras, entregues a empresas de Arqueologia. De tais trabalhos, alguns ainda em curso, publicaram-se, apenas, alguns espólios cerâmicos e fotografias de áreas em fase de escavação ou, somente, sectores de cortes e raras plantas. Falta, pois, o resultado de estudos de conjunto, tanto dos testemunhos arquitectónicos como dos espólios exumados, a que se deve seguir, se possível, a ulterior recuperação e musealização. Constitui excepção, que importa louvar, a intervenção realizada na rua dos Correeiros, onde pequeno núcleo museológico, patrocinado pelo Banco Comercial Português, permite compreender a evolução histórica daquele sector da cidade, através da Arqueologia, com apoio do respectivo catálogo.

Aguarda-se, no entanto, o estudo sistemático e a divulgação dos resultados das escavações realizadas na colina do Castelo (Teatro Romano e Sé, rua das Pedras Negras), no Castelo de S. Jorge, Casa dos Bicos, Chiado, avenida Almirante Reis, assim como em outros significativos arqueossítios, nomeadamente as intervenções realizadas no Bairro da Mouraria (igreja de S. Lourenço,

no pátio da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva) ou na Rua Augusta (Mandarim Chinês) e, mais recentemente, na praça da Figueira (Amaro, 1998).

Muito embora os trabalhos na área urbana de Lisboa tivessem posto à vista "algumas habitações, dois núcleos oleiros, conjuntos de silos e de fossas detriticas", dispomos somente de informação muito parcelar, transmitida em colóquio realizado na capital, em 1997, e publicado já na presente centúria.

Na Sé de Lisboa, escavações arqueológicas esventraram grande parte do claustro pondo à vista importante sucessão estratigráfica que, no coração do centro histórico, inevitavelmente, também se encontra por estudar. No entanto, os achados ali realizados constituíram, durante muito tempo, títulos em letras gordas de muitos jornais. Entre eles, restos de compartimentos muçulmanos foram considerados como pertencentes à antiga mesquita principal da cidade.

Tal interpretação, baseada na tradição de que a Sé terá sido erguida sobre templo de época anterior, reveste problemática complexa que nunca foi, devidamente, documentada através dos testemunhos arqueológicos. De facto, como não foram publicadas plantas, nem cortes, das estruturas mencionadas, dispomos somente de fotografias de sector de compartimento, abobadado, anexo a outro, possivelmente de planta rectangular. No entanto, aquelas estruturas não se adaptam a nenhum dos aspectos construtivos das mesquitas muçulmanas conhecidas, importando esclarecer aquela atribuição com a publicação integral dos resultados das escavações efectuadas (Golvin, 1979).

2.4 Escavações arqueológicas realizadas na alcáçova de Santarém, na área do actual Jardim das Portas do Sol, permitiram reconhecer ocupação que remonta ao século VIII a. C., prolongando-se, com interrupções, até ao século XII (Arruda, 1993; Viegas e Arruda, 1999, 184). O estudo de parte do espólio muçulmano, proveniente das campanhas de 1984-87 e encontrado no interior de vinte e seis fossas só, recentemente, foi publicado (Viegas e Arruda, 1999, 107, 108). As cerâmicas exumadas, nas fossas 1 a 4 e na 6, destituídas de contexto arqueológico preciso, foram classificadas,

a partir de paralelos, com outras peças recuperadas em diferentes arqueossítios portugueses, tendo em vista a sua atribuição cronológica. Assim, os recipientes muçulmanos de Santarém foram considerados semelhantes (aguamanis, tigelas ou malgas e panelas) a outros exumados na área urbana de Lisboa, Castelo de Palmela, Mértola e Castelo de Salir, com cronologias atribuídas aos séculos XI-XII e para os restantes (copos, púcaros, cantarinhos ou infusas, garrafas, cântaros ou bilhas e alguidares), detectaram-se paralelos em exemplares do Castelo de Silves, Cerro da Vila, Vale de Boto, Mesa dos Castelinhos e Mértola, cuja atribuição cronológica varia entre o século VIII e o século XI. As autoras concluem, datando o conjunto como sendo da primeira metade do século XII, apesar de reconhecerem que parte do espólio poderá ter cronologia mais antiga, contradizendo-se, claramente, ao escreverem tratar-se de espólio "arqueologicamente homogéneo e cronologicamente sincrónico" (Viegas e Arruda, 1999, 107).

É, também, evidente a pouca atenção dada ao pano de muralha que se sobrepõe a uma das estruturas subterrâneas, aspecto que poderia, com estudo atento, ter permitido atribuição cronológica mais precisa (Viegas e Arruda, 1999, 109).

2.5 Na área urbana de Évora, mais de uma dezena de escavações arqueológicas foram realizadas em situações ditas de salvamento, que continuam por publicar, não dispondo sequer de simples notas preliminares.

Aqueles trabalhos ocorreram em locais de extrema importância para a compreensão da cidade islâmica. Os únicos resultados publicados reportam-se à intervenção, em continuidade, realizada pelo Instituto Arqueológico Alemão, junto ao templo romano e, mais recentemente, em intervenção de emergência (Paulo, 2000; Sarantopoulos, 2000, 14,15; Teichner, 1998, 20-25).

2.6 Investigações em significativos arqueossítios islâmicos pecaram pela falta de continuidade, designadamente no Castelo de Aljustrel e no Castelo de Juromenha (Correia e Picard, 1992; Ramos *et alii*, 1993).

Naquela última fortaleza, consideram-se como sendo muçulmanos, importantes sectores dos panos de mura-

lha, atribuídos ao século XI, mas que poderão, eventualmente, integrar dispositivo defensivo mais antigo (Correia e Picard, 1992, 84, 85).

No caso do Castelo de Palmela, com ocupação muçulmana, registada entre os séculos VIII e o século XII, os resultados obtidos nos trabalhos arqueológicos iniciaram-se com o estudo de algumas peças de cerâmica, aguardando-se, por isso, a publicação das estruturas ali reconhecidas (Fernandes e Carvalho, 1997; Fernandes, 1999).

3. Arqueologia muçulmana nos núcleos rurais

3.1. Nos finais dos anos sessenta da passada centúria iniciaram-se escavações no Cerro da Vila, em Vilamoura (Loulé), importante estabelecimento agrícola muçulmano que sucedeu a assentamento romano e tardo-romano.

Os vestígios romanos daquele arqueossítio foram atribuídos aos séculos III-IV, os visigóticos aos séculos VI-VII e os muçulmanos com cronologia variável.

Daqueles últimos foram publicados os espólios recolhidos junto de um forno de cerâmica e no interior de silos, para além de cerâmicas provenientes de antigas escavações. Apenas uma lucerna foi datada aos séculos IX-X e, algumas, com as superfícies vidradas, nos séculos X-XI (Matos, 1991).

Muito embora, se tenham dado a conhecer algumas cerâmicas muçulmanas do Cerro da Vila (panelas, cantarinhas, tigelas, caçoilas, taças, alguidares e aguamanil), não dispomos de informação relativa à totalidade do espólio exumado, nem sequer trabalho que nos elucidie sobre as transformações ocorridas entre a ocupação romana, tardo-romana, visigótica e, quiçá, bizantina e a islâmica.

Como as estruturas tardo-romanas não foram destruídas com a ocupação muçulmana, tendo mesmo sido reutilizadas, parece-nos provável que não se tivesse dado abandono total das mesmas mas, pelo contrário, tal como aconteceu em Milreu (Estói) e no Montinho das Laranjeiras (Alcoutim), se tivesse verificado continuidade na sua ocupação (Teichner, 1994; Sidarus e Teichner, 1997).

Não aceitamos, por isso, a cronologia, conferida a certas cerâmicas islâmicas daquele arqueossítio visto que, paralelos bem datados, da vizinha cidade de Silves, conduziram a classificarmos tais peças nos séculos VIII-IX, demonstrando perfeita continuidade na ocupação do local, entre os tempos tardo-romanos e os islâmicos (Gomes, 1988, 99; 1991, 1996, 27; Matos, 1983). Este aspecto foi aceite, ulteriormente, por José Luís de Matos, dado ter escrito "A julgar pelo conjunto de materiais recolhidos na estação arqueológica não existe qualquer hiato entre os períodos tardios romanos e o período inicial islâmico" (Matos, 1991; 1996). Os materiais recuperados no Cerro da Vila demonstram, tal como verificámos em Silves, influências autóctones, norte-africanas e orientais.

A construção de silos, pelos ocupantes muçulmanos do Cerro da Vila, no interior dos espaços habitacionais romanos, poderá significar algumas alterações do carácter funcional daqueles, derivadas de motivações culturais e económicas. Não esqueçamos que muitas casas islâmicas guardam silos sob diversos compartimentos. Por outro lado, a existência de tais estruturas de armazenamento podem indicar maior contributo económico da actividade agrícola, como a sua exploração em moldes bem diferentes dos colonizadores romanos, deixando de haver distinção entre a *pars* urbana e a rural da antiga *villa*.

3.2 Entre os estudos relacionados com as estratégias de povoamento devemos de salientar o trabalho de Helena Catarino, realizado em continuidade, que permitiu o reconhecimento, a partir de topónimos e de exaustivas prospecções, de diferentes tipos de assentamentos muçulmanos no Algarve Oriental. Todavia, as escassas cerâmicas recolhidas em alguns daqueles arqueossítios, caracterizadas em função da forma e tratamento das superfícies, não permite obter grandes conclusões de carácter cronológico, dificultando, por isso, a datação dos referidos arqueossítios.

Aquela arqueóloga abordou o estudo de duas fortificações do Sotavento (Castelo Velho de Alcoutim e Castelo das Relíquias) e, de igual número, do Barlavento (Castelo de Paderne e Castelo de Salir), tendo elaborado

vários artigos e, em particular, importante dissertação de doutoramento onde, de modo exaustivo, são estudados os locais investigados, assim como os espólios neles recuperados (Catarino, 1989; 1993; 1997-98).

Um daqueles arqueossítios, designado por Castelo Velho de Alcoutim, parece-nos corresponder a palácio-fortaleza, com antecedentes em construções omíadas, do século VIII, do Médio Oriente (Stierhin, 1997, pp. 65-77). Trata-se de edificação com planta rectangular e torres rectangulares adossadas, integrado em recinto fortificado. É provável que, naquele local, tivesse residido personagem que controlaria o acesso, e o comércio, a uma das mais antigas vias de penetração no *hinterland*, através do rio Guadiana.

Aquela interpretação justificaria a boa qualidade dos espólios ali exumados e, entre eles, as cerâmicas decoradas, nas cores verde e castanha, assim como a presença de formas como o tambor, também registada no nível mais antigo do Castelo de Silves.

3.3 No Montinho das Laranjeiras, os materiais muçulmanos foram atribuídos aos séculos X-XI, indicando, neste caso, hiato ocupacional entre os tempos tardo-romanos e os muçulmanos, aspecto que parece não ter correspondência arqueológica através de nível de abandono do local (Coutinho, 1993; Maciel, 1993).

Ulteriormente, devido por certo a escavação mais minuciosa, considerou-se ter existido "continuidades entre a Antiguidade Tardia e a Época Islâmica", ficando, no entanto, por esclarecer se a essa pervivência ocupacional correspondem, de facto, estruturas e materiais arqueológicos (Maciel, 1999, 5).

Importante dispositivo defensivo, em fase de escavação, foi identificado no local designado por Mesas do Castelinho, no concelho de Almodôvar. Trata-se de fortificação de planta ovalada, rodeada por fosso, defendida por torres rectangulares maciças. Os trabalhos permitiram identificar ocupação pré-romana e romana (dos séculos V-IV a.C. até aos finais do século I a. C. ou inícios da centúria seguinte), a que se seguiu período de abandono. Este prolongou-se até à ocupação muçulmana do sítio, atribuída, através da tipologia do espólio, a período compreendido entre o século VIII e o século XI

(Fabião e Guerra, 1991; Guerra e Fabião, 1993, 99).

As intervenções nos núcleos rurais, quer para estudar a distribuição do povoamento (Algarve Oriental), determinadas fortificações (Algarve Oriental, Mesa dos Castelinhos, Barlavento Algarvio) ou, mesmo, assentamentos agrícolas (Vale de Boto, Quinta do Lago, Alcaria Longa, entre outros), embora, em muitos casos, não passem de trabalhos pontuais, têm vindo a permitir um melhor conhecimento sobre a organização daqueles territórios ao longo da permanência muçulmana (Boone, 1992; Boone, 1993; 1996; Catarino, 1994; 1997-98; Catarino *et alii*, 1981; Gomes, 1999, 183-210; Gonçalves, *et alii*, 1980).

4. Considerações finais e conclusões

A Arqueologia Muçulmana tem vindo a adquirir, aos poucos, estatuto próprio com a organização de colóquios, a publicação de revistas da especialidade ou integrando os *curricula* de cursos universitários, tanto no âmbito das licenciaturas como dos mestrados, mas, igualmente, com a realização de teses de mestrado e de doutoramento.

Assim, a nível universitário, na passada centúria, os temas islâmicos permitiram a realização de duas teses de mestrado e outras tantas de doutoramento (Catarino, 1997-98; Gomes, 1988; Gomes, 1999; Macias, 1996).

Criou-se, na Licenciatura em História-Variante de Arqueologia, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, disciplina específica, designada por Arqueologia II, dedicada à leccionação da Arqueologia Muçulmana completada, ulteriormente, com área de mestrado para aprofundamento daqueles conhecimentos.

Organizou-se importante exposição, em 1998, no Museu Nacional de Arqueologia, intitulada "Portugal Islâmico os Últimos Sinais do Mediterrâneo", acompanhada pela edição do respectivo catálogo, profusamente ilustrado, onde colaboraram arqueólogos que, presentemente, investigam tal temática. Daquela mostra, foi publicada recensão crítica sobre a musealização sendo, de igual modo, assinalados aspectos didácticos e de carácter científico (Gomes, 1998, 19, 20).

Reuniram-se, em Tondela, jornadas dedicadas, exclusivamente, ao estudo das cerâmicas exumadas em contextos de Época Medieval e Moderna, de que se publicaram as actas das efectuadas em 1995 e 1998, tendo-se organizado congressos com o título genérico de "Cerâmicas Medievais do Mediterrâneo Ocidental", promovidos pela Association International pour l'Étude des Céramiques Médiévales en Méditerranée, um deles realizado em Lisboa (1987). Editaram-se revistas, algumas com nomes muçulmanos, onde se divulgam trabalhos sobre aquele período (*Xelb, al-Ulya, al-Madan, Arqueologia Medieval*, entre outras).

Nos finais dos anos noventa programas comunitários específicos (FEDER) apoiaram reuniões, congressos e a edição de livros sobre temáticas muçulmanas que irão, concerteza, ser divulgados na presente centúria.

4.1 Os estudos florísticos e faunísticos foram promovidos a partir de amostras recuperadas em distintas intervenções arqueológicas do Período Muçulmano, tendo em vista a reconstituição do ambiente natural, assim como aspectos relacionados com as dietas alimentares, economia ou, até, com a própria ideologia (Antunes, 1991; 1996; 1997; Cardoso, 1993; 1994; Pais, 1991; 1993; 1996).

Recordo que o primeiro estudo sobre um conjunto de faunas muçulmanas realizado em Portugal, deve-se ao Professor Doutor Miguel Telles Antunes, que analisou amostras obtidas em diferentes níveis atribuídos aos séculos VIII-X do Castelo de Silves (Antunes, 1991). A esse trabalho inicial somaram-se, ulteriormente, outros.

As novas tecnologias e, em particular, as datações absolutas através do radiocarbono, com correcção dendrocronológica, foram, na passada centúria, pouco utilizadas para contextos islâmicos. Trata-se, a nosso ver, de informação imprescindível à reconstrução histórica e que poderá contribuir para uma melhor precisão dos conhecimentos referentes à cultura material daquelas comunidades, permitindo que os investigadores não efectuem atribuições cronológicas quase por intuição ou recorrendo a paralelos remotos e descontextualizados.

4.2 Assistimos, presentemente, à realização de numerosas escavações arqueológicas de níveis islâmicos, efectuadas sob responsabilidade de arqueólogos integrados em empresas de Arqueologia, muitos deles sem qualquer tipo de interesse ou de formação na área, o que poderá, eventualmente, dar origem ao simples registo dos achados, tendo em vista apenas a execução, a curto prazo, de relatórios para serem entregues e aprovados pelo I. P. A. Neste caso, muitos daqueles testemunhos poderão nunca ser publicados de modo exaustivo; aspecto que conduzirá a informações deficitárias e a evidentes transtornos para a investigação. Trata-se de constatação que deriva da falta "de especialistas n'este ramo tão variado e difícil da sciencia arqueológica", como escreveu Estácio da Veiga (1880, 163), pelo que é urgente a formação de futuros arqueólogos, nesta área específica, nas nossas Universidades.

De facto, se compararmos as intervenções arqueológicas realizadas, em níveis islâmicos, com os trabalhos já publicados, verifica-se que se tem escavado muito e publicado pouquíssimo e, muitas vezes, mal.

Esperemos, por isso, que a actual centúria permita evolução nos conhecimentos disponíveis sobre a presença muçulmana, no actual território português, visto ter-se iniciado de modo promissor, com a publicação dos colóquios mencionados e, em particular, com exposição, no Museu Nacional de Arqueologia, intitulada "Palácio Almoada da Alcáçova de Silves". Esta correspondeu à divulgação de uma das mais importantes descobertas da Arqueologia Islâmica portuguesa do século XX.

Bibliografia

- AMARO, C., 1998, Arqueologia islâmica em Lisboa; um percurso possível, *Portugal Islâmico. Os Últimos Sinais do Mediterrâneo*, pp. 61-71, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- ALMEIDA, C. A. F. de, 1986, Arte Islâmica em Portugal, *História da Arte em Portugal*, vol. 2, Arte da Alta Idade Média, pp. 73-94, Publicações Alfa, Lisboa.
- ALMEIDA, L. F. de, 1965, Alguns documentos para a História da Arqueologia em Portugal, *Conímbriga*, vol. IV, pp. 103-108.
- ANTUNES, M.T., 1991, Restos de animais no Castelo de Silves, (séculos VIII-X), Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico, *Estudos Orientais*, vol. II, pp. 44-74.
- ANTUNES, M. T., 1996, Alimentação de origem animal em regime islâmico- Alcaria Longa e casa II da alcáçova de Mértola, *Arqueologia Medieval*, nº 4, pp. 267-276.
- ANTUNES, M.T., 1997, Arqueozoologia medieval em Silves, *Setúbal Arqueológica*, vols 11-12, pp. 269-277.
- ANTUNES, M. T., 1999, Restos de tesouro de moedas islâmicas nas imediações da Azóia (Sesimbra), *Arqueologia Medieval*, nº 6, pp. 133-137.
- ANTUNES, M. T., e SIDARUS, A., 1993, Mais um quirate cunhado em Beja em nome de Ibn Qasi e Abu Talib al-Zuhri (Alcaria Longa-Baixo-Alentejo), *Arqueologia Medieval*, nº 2, pp. 221-223.
- ARAÚJO, L., 1982, Os muçulmanos no Ocidente peninsular, *História de Portugal*, vol. 1, Lisboa, Ed. Alfa, pp. 245-289.
- ARRUDA, A., 1993, A ocupação da Idade do Ferro da alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica Peninsular, *Estudos Orientais*, vol. IV, pp. 193-214.
- AZEVEDO, P.A. de, 1896, Extractos archeologicos das <<Memorias parochiaes de 1758>>, *O Archeologo Português*, vol. II, pp. 252-264.
- AZEVEDO, P. A. de, 1897, Extractos archeologicos das <<Memorias parochiaes de 1758>>, *O Archeologo Português*, vol. III, pp.101-106, 149-154, 193-208, 225-244.
- AZEVEDO, P.A. de, 1899-1900, Extractos archeologicos das <<Memorias parochiaes de 1758>>, *O Archeologo Português*, vol.V, pp. 26-31, 49-52, 90-93, 153-160, 187-192, 254-256, 297-304, 343-352.
- AZEVEDO, P. A. de, 1901, Extractos archeologicos das <<Memorias parochiaes de 1758>>, *O Archeologo Português*, vol.VI, pp. 67-78, 103-112, 151-160, 236-240.
- AZEVEDO, P. A. de, 1902, Extractos archeologicos das <<Memorias parochiaes de 1758>>, *O Archeologo Português*, vol.VII, pp. 27-32, 74-79, 123-128, 190-192, 237-240, 267-272, 319-320.
- AZEVEDO, P. A. de, 1903, Extractos archeologicos das <<Memorias parochiaes de 1758>>, *O Archeologo Português*, vol.VIII, pp.76-78, 100-103, 214-235, 255-258.
- AZEVEDO, P. A. de, 1905, Notícias várias, *O Archeologo Português*, vol.X, pp. 278-283.
- AZEVEDO, P. A. de, 1908, O castello de Santa Eulália, *O Archeologo Português*, vol. XIII, pp. 67-75.
- BOONE, J.L., 1992, The first season of excavations at Alcaria Longa. A caliphal-taifal period rural settlement in the lower Alentejo of Portugal, *Arqueologia Medieval*, nº 1, pp. 51-64.
- BOONE, J.L., 1993, The third season of excavation at Alcaria Longa, *Arqueologia Medieval*, nº 2, pp. 111-125.
- BOONE, J.L., 1996, Uma sociedade tribal no Baixo Alentejo Medieval ?, *Arqueologia Medieval*, nº 4, pp. 25-35.
- BORGES, A. G. de M., 1989, As inscrições lapidares árabes do museu de Beja, *Arqueologia*, nº 20, pp. 98-109.
- BORGES, A. G. de M., 1991, Panorâmica da epigrafia árabe em Portugal, *Estudos Orientais*, vol. II, pp. 91-109.
- BORGES, A. G. de M., 1993, Inscrições árabes de Noudar, *Arqueologia Medieval*, nº 2, pp. 215-217.
- BORGES, A.G. de M., 1998, Lápide comemorativa da construção de uma torre, *Portugal Islâmico. Os Últimos Sinais do Mediterrâneo*, p. 220, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- BORGES, A. G. de M., e Macias, S., 1992, Almocavar de Moura- localização e epigrafia, *Arqueologia Medieval*, nº 1, pp. 65-69.
- BOTTO, C.M., 1899, *Glossario Critico dos Principais Monumentos do Museu Archeologico Infante D.Henrique*, Tipografia Seraphim, 120 pp., 1 planta, Faro.
- CAMPOS, M. J. de 1907, Acquisições do Museu Etnologico Português, *O Archeologo Português*, vol. XII, pp. 217-226.
- CARDOSO, J.L., 1993, Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico: estudos dos restos mamalógicos e malacológicos das Mesas do Castelinho (Almodôvar), *Arqueologia Medieval*, nº 2, pp. 103-107.
- CARDOSO, J.L., 1994, A fauna de mamíferos da época muçulmana das Mesas do Castelinho (Almodôvar). Materiais das campanhas de 1989-1992, *Arqueologia Medieval*, nº 3, pp. 201-220.
- CARVALHAES, J. A., 1911, Acquisições do Museu Ethnologico Português, *O Archeologo Português*, vol. XVI, pp. 103-125.
- CARVALHO, A. R., e FARIA, J.C., 1994, Cerâmicas muçulmanas de Alcácer do Sal, *Arqueologia Medieval*, nº 3, pp. 101-111.
- CARVALHO, A. R., e FERNANDES, I.C.F., 1997, A porta muçulmana do Castelo de Veiros, *Arqueologia Medieval*, nº 5, pp. 191-197.
- CATARINO, H., 1989, Os sistemas defensivos muçulmanos do Algarve Oriental e o castelo Velho de Alcoutim, *III Congreso de Arqueologia Medieval Española*, pp. 296-305, Universidade de Oviedo, Oviedo.

- CATARINO, H., 1993, A ocupação islâmica, *História de Portugal*, dos Tempos Pré-Históricos aos nossos dias, vol. 1, Ediclube, pp. 47-92, Amadora.
- CATARINO, H., 1993a, A chegada dos Árabes à Península Ibérica: A invasão de Tarique em 711 e a ocupação do território, *O Algarve da Antiguidade aos Nossos Dias*, Ed. Colibri, pp. 61-67, Lisboa.
- CATARINO, H., 1993b, O Garb Al-Andalus, definição territorial e administrativa, *O Algarve da Antiguidade aos Nossos Dias*, Ed. Colibri, pp. 69-74, Lisboa.
- CATARINO, H., 1994, O castelo de Paderne (Albufeira): resultados da primeira intervenção arqueológica, *Arqueologia Medieval*, nº 3, pp. 73-87.
- CATARINO, H., 1997-98, O Algarve Oriental durante a Ocupação Islâmica, *Al-Ulyá*, vol. 6, 1306 pp.
- CATARINO, H., ARRUDA, A.M., e GONÇALVES, V., 1981, Vale de Boto: Escavações de 1981 no complexo Árabe Medieval, *Clio*, vol. 3, pp.9-27.
- COELHO, A.B., 1972, *Portugal na Espanha Árabe*, vol. I, Ed. Seara Nova, 237 pp., Lisboa.
- COELHO, A.B., 1972a, *Portugal na Espanha Árabe*, vol. II, Ed. Seara Nova, 296 pp., Lisboa.
- COELHO, A.B., 1973, *Portugal na Espanha Árabe*, vol. III, Ed. Seara Nova, 342 pp., Lisboa.
- COELHO, A.B., 1975, *Portugal na Espanha Árabe*, vol. IV, Ed. Seara Nova, 399 pp., Lisboa.
- CORREIA, J.M., 1905, Antiguidades do concelho do Sabugal, *O Archeologo Português*, vol. X, pp. 199-207.
- CORREIA, F. B., 1987, Fortificações muçulmanas em Portugal: alguns apontamentos, *Actas do II Congreso de Arqueologia Medieval Española*, pp. 501-509, Madrid.
- CORREIA, F. B., e PICARD, C., 1992, Intervenção arqueológica no castelo de Juromenha, primeiros resultados, *Arqueologia Medieval*, nº 1, pp. 71-89.
- COUTINHO, H.M.R., 1993, Cerâmica muçulmana do Montinho das Laranjeiras, *Arqueologia Medieval*, nº 2, pp. 39-54.
- CUNHA, A. J., 1905, Extratos das respostas à circular dirigida pela Mesa da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes às Câmaras Municipais do Paiz, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 4ª série, tomo IX, nº 10, pp. 38-48.
- DIAS, J.L., 1944, *Etnografia da Beira, Lendas, Costumes, Crenças e Superstições*, vol. I, Ed. Do Autor, 213 pp., VI ests, Lisboa.
- DOMINGUES, J.D.G., 1956, Novos aspectos da Silves Árabe, sep. da revista *Gil Vicente*, 46 pp., Guimarães.
- FABIÃO, C., e GUERRA, A., 1991, O povoado fortificado de "Mesas do Castelinho", Almodôvar, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, pp. 305-319, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- FABRICIUS, A.K., 1892, La première invasion des Normandes dans l'Espagne Musulmane en 844, *Congrés International des Orientalistes*, sep. com 22 pp., Lisboa.
- FERNANDES, I.C.F., 1999, Uma taça islâmica com decoração antropomórfica proveniente do Castelo de Palmela, *Arqueologia Medieval*, nº 6, pp. 79-99.
- FERNANDES, I.C.F., e Carvalho, A.R., 1997, Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Palmela, *La Céramique Médiévale en Méditerranée*, pp. 327-335, Ed. Narration, Aix-en-Provence.
- FERREIRA, M.A., 1992, Vidros antigos de Mértola, *Arqueologia Medieval*, nº 1, pp. 39-49.
- FIGUEIREDO, A. M. de, 1895, Informações archeologicas colhidas no <<Diccionario Geographico>> de Cardoso, *O Archeologo Português*, vol. I, pp. 153-158.
- FIGUEIREDO, A. M. de 1897, Informações archeologicas colhidas no <<Diccionario Geographico>> de Cardoso, *O Archeologo Português*, vol. III, pp.218-223, 281-286.
- FIGANIER, J., 1949, *Moedas Árabes*, I parte, Ed. Casa da Moeda, 105 pp., Lisboa.
- FIGANIER, J., 1959, *Moedas Árabes*, II parte, Ed. Casa da Moeda, 168 pp., Lisboa.
- GARRET, A., 1962, *Camões e D. Branca*, col. Clássicos Portugueses, Livraria Clássica Editora, 90 pp., Lisboa.
- GOLVIN, L., 1979, *Essai sur l' Architecture Religieuse Musulmane*, col. Archéologie Méditerranéenne, Éditions Klincksieck, 323 pp., 101 figs, 21 ests, Paris.
- GOMES, M.V., 1998, Cerâmicas islâmicas do poço da Hortinhola (Moncarapacho, Olhão), *Actas das Segundas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, pp. 33-41, Ed. Câmara Municipal de Tondela, Tondela.
- GOMES, M.V., 1998, Portugal Islâmico - O estado da Arte?, *Al-Madan*, II série, vol.7, pp 19,20.
- GOMES, M.V., e GOMES, R.V., 1989, O poço-cisterna, almoada, de Silves (Algarve, Portugal), *I Coloquio de História e Médio Físico, El Agua en Zonas Áridas: Arqueologia e História*, vol. II, pp. 577-606, Almería.
- GOMES, M.V. e GOMES, R.V., 1995, Cerâmicas muçulmanas: Quais as metodologias arqueológicas?, *Primeiras Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, pp. 41-50, Ed. Câmara Municipal de Tondela, Tondela.
- GOMES, R.V. 1988, Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves, *Xelb*, vol. 1, 294 pp.
- GOMES, R.V., 1990, Resultados da última campanha de escavações arqueológicas no Castelo de Silves, *Encontro de Arqueologia no Algarve*, pp. 137-151, Ed. Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, Faro.
- GOMES, R.V., 1991, Cerâmicas muçulmanas orientais e orientalizantes, do Castelo de Silves (peças esmaltadas policromas e de reflexo metálico), *Estudos Orientais*, vol. II, pp. 13-39.
- GOMES, R.V., 1993, Fragmento de placa insculturada do Castelo de Silves, *Arqueologia Medieval*, vol. 2, pp. 79-83.

- GOMES, R.V., 1995, Cerâmicas muçulmanas dos séculos VIII e IX de Silves, *Primeiras Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, pp. 21-34, Ed. Câmara Municipal de Tondela, Tondela.
- GOMES, R.V., 1997, Silves e a ocupação muçulmana do Algarve, *Setúbal Arqueológica*, vols. 11-12, pp. 249-267.
- GOMES, R.V., 1998, Contributo para o estudo das cerâmicas com decoração a "verde e castanho", de Silves, *Actas das Segundas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, pp. 43-55, Ed. Câmara Municipal de Tondela, Tondela.
- GOMES, R.V., 1999, *Silves (Xelb)-Uma cidade do Gharb al-Andalus-Arqueologia e História (Séculos VIII-XIII)*, Dissertação de Doutoramento em História-Especialidade de Arqueologia, apresentada à F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa, 1750 pp. (texto policopiado).
- GOMES, R.V., e GOMES, M.V., 1986, Cerâmicas estampilhadas, muçulmanas e mudéjares, do poço-cisterna de Silves, *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, Trabalhos de Arqueologia*, vol. 3, pp. 127-141, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa.
- GOMES, R.V., e GOMES, M.V., 1990, Dispositivos defensivos de Silves, (Algarve, Portugal), *Moçárabe em Peregrinação a S.Vicente*, Ed. Caminus, pp. 59-66, Lisboa.
- GOMES, R.V., e GOMES, M.V., 1992, Dispositivos defensivos de Silves, (Algarve, Portugal), *III Congreso de Arqueología Medieval Española*, pp. 287-295, Universidade de Oviedo, Oviedo.
- GOMES, R.V., e GOMES, M.V., 1997, Placas apotropaicas do Castelo de Silves, *Estudos Orientais*, vol. VI, pp. 141-151.
- GOMES, R.V., e GOMES, M.V., 2000, Bocal de Poço Islâmico de Silves - Uma leitura possível, *Estudos Orientais*, vol. VII, pp. 129-150.
- GOMES, R.V., e Cunha, A.S., 1991, Testemunhos arqueológicos da conquista cristã da alcáçova de Silves, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas, Investigação e Defesa do Património*, pp. 429-437, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- GOMES, R.V., Cunha, A.S., e Antunes, M.T., 1994, Testemunhos arqueológicos da conquista cristã da alcáçova de Silves em 1189, *Actas das V Jornadas Arqueológicas*, pp. 203-212, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, S., 1994, La cerâmica <<verde y morado>> de Mértola, Portugal, *Arqueologia Medieval*, nº 3, pp. 113-132.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, S., 1997, Loiça dourada de Mértola, *Arqueologia Medieval*, nº 4, pp. 137-162.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, S., 1998, A cerâmica de verde e manganes do Castro da Cola (Ourique), *Actas das Segundas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, pp.57-65, Ed. Câmara Municipal de Tondela, Tondela.
- GONÇALVES, V., CATARINO, H., E ARRUDA, A.M., 1980, O sítio Romano-árabe do Vale do Boto-Notícia da sua identificação, *Clio*, vol. 2, pp. 71-79.
- GUERRA, A., E FABIÃO, C., 1993, Uma fortificação omíada em Mesas do Castelinho (Almodôvar), *Arqueologia Medieval*, nº 2, pp. 85-102.
- GUIMARÃES, O., 1895, Notícia archeologicas em Paços de Ferreira, *O Archeologo Português*, vol. III, pp. 83-86.
- HERCULANO, A., 1847, *História de Portugal*, tomo II, Livros I e II, Ed. Aillaud Bertrand, 316 pp., Lisboa.
- HERCULANO A., 1858, *O Alcaide de Santarém*, Livraria Bertrand, tomo I de Lendas e Narrativas, 49 pp., Lisboa.
- HENRIQUES, A.F.X., 1895, Notícias archeologicas de Castro Marim, *O Archeologo Português*, vol. I, pp. 117, 118.
- KEMNITZ, E., 1993, Candis da colecção do Museu Nacional de Arqueologia, *O Arqueólogo Português*, série IV, vols 11/12, pp. 427-472.
- KHWALI, A., 1992, Lote de cerâmica epigrafada em estampilhagem de Mértola, *Arqueologia Medieval*, nº 1, pp. 7-25.
- KHWALI, A., 1993, Introdução ao estudo das vasilhas de armazenamento de Mértola Islâmica, *Arqueologia Medieval*, nº 2, pp. 63-78.
- KHWALI, A., 1994, Arcos estampilhados da cerâmica islâmica de Mértola, *Arqueologia Medieval*, nº 3, pp. 133-145.
- LABARTA, A., E BARCELÓ, C., 1987, Inscripciones árabes portuguesas: situación actual, *Al-Qantara*, vol. VIII, pp. 395-420.
- LEAL, P., 1873, *Portugal Antigo e Moderno*, vol IV, Livraria Matos e Moreira e C^a, pp. 5-507, Lisboa.
- LOPES, D., 1895, Cousas arabico-portuguesas-Cêrco de Silves, *O Archeologo Português*, vol. I, pp. 274-279.
- LOPES, D., 1896, Cousas Arabico-Portuguesas, *O Archeologo Português*, vol. II, pp. 204-210.
- LOPES, J. B. da S., 1844, *Relação da Derrota Naval, Façanhas e Sucessos dos Cruzados que Partirão do Escalda para a Terra Santa no aNo de 1189, (Escrita em Latim por Hum dos mesmos cruzados. Traduzida e anotada pelo autor)*, Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 108 pp., Lisboa.
- LOPO, A. P., 1905, Fraga da <<Moura>> em Vila Nova da Torre de D. Chama, *O Archeologo Português*, vol. X, pp. 239-241.
- LUZIA, I., 1996, O espólio cerâmico da cerca do convento, *Al-Ulyā*, vol. 5, pp. 51-73, Loulé.
- MACIAS, S., 1992, Resenha dos factos políticos, *História de Portugal*, vol. I, pp. 416-437, Ed. Círculo dos Leitores, Lisboa.
- MACIAS, S., 1992a, Silos 4 e 5 de Mértola. Uma proposta de datação do espólio cerâmico, *Arqueologia Medieval*, nº 1, pp. 27-33.
- MACIAS, S., 1996, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova (Séculos XII-XIII)*, Campo Arqueológico de Mértola, 205 pp., Mértola.

- MACIAS, S., 1999, O Algarve islâmico-resenha de factos políticos, *O Algarve da Antiguidade aos Nossos Dias*, pp. 75-82, Ed. Colibri, Lisboa.
- MACIAS, S., e TORRES, C., 1998, Consumo alimentar e utensílios de cozinha, *Actas das Segundas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, pp. 67-79, Ed. Câmara Municipal de Tondela, Tondela.
- MACIEL, J.M., 1993, Reescavação na villa romana do Montinho das Laranjeiras (Alcoutim), *Arqueologia Medieval*, nº 2, pp. 31-38.
- MACIEL, J.M., 1999, Montinho das Laranjeiras (Alcoutim). Escavações de 1995, *Arqueologia Medieval*, nº 5, pp. 5-10.
- MACHADO, L.S., 1919-20, Aquisições do Museu Etnológico Português, *O Archeologo Português*, vol. XXIV, pp. 241-270.
- MALDONADO, B.P., 1990, *Tratado de Arquitectura Hispano-Musulmana - I - Agua*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 408 pp., CLIII ests, Madrid.
- MARINHO, J.R., 1990, Numismática muçulmana no Algarve, *Encontro de Arqueologia do Algarve*, pp. 133-136, Ed. Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, Faro.
- MARINHO, J.R., 1991, Panorâmica da numismática muçulmana em Portugal, *Estudos Orientais*, vol. II, pp. 85-90.
- MARINHO, J.R., 1991-92, Novas moedas das oficinas muçulmanas de Beja e de Silves, *Nummus*, 2ª série, vols XIV-XV, pp. 169-171.
- MARQUES, A.H. de O., 1993, O Portugal Islâmico, *Nova História de Portugal*, vol II, pp. 121-249, Ed. Presença, Lisboa.
- MATOS, J.L.de, 1983, Malgas árabes do Cerro da Vila, *O Archeologo Português*, série IV, vol. 1, pp.375-389.
- MATOS, J.L.de, 1991, Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila, *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, pp.429-459, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- MATOS, J.L.de, 1996, Cerro da Vila, *Al-Ulyā*, vol. 5, pp. 23-28.
- MAZZOLI-GUINARD, C., 1996, *Villes d'Andalus l'Espanhe et le Portugal à l'Époque Musulmane (VIII e XV e siècles)*, Presses Universitaires de Rennes, 430 pp., Rennes.
- MC MILLAN, G.P., 1997, A preliminary analysis of the paleochristian and islamic cemeteries of Rossio do Carmo, Mértola, Portugal, *Arqueologia Medieval*, nº 5, pp. 13-22.
- NYKL, A. R., 1940, Algunas inscripciones árabes de Portugal, *Al-Andalus*, vol. V, pp. 399-410.
- PAIS, J., 1993, Sementes de um silo omíada (UE 67) de Mesas de Castelinho (Almodôvar), *Arqueologia Medieval*, nº 2, pp. 109, 110.
- PAIS, J., 1996, Paleoetnobotânica (finais séc. XI a sécs XIII/XIV) do Sul de Portugal-Setúbal, Mértola e Silves, *Arqueologia Medieval*, nº 4, pp. 277-282.
- PAULO, J.C., 2000, Achados islâmicos e mudéjares no Centro Histórico de Évora, *A Cidade de Évora*, II série, nº 4, pp. 219-236.
- PEREIRA, F.A., 1904, Um castro com muralhas, *O Archeologo Português*, vol. IX, pp. 214-219.
- PEREIRA, F.A., 1909, Pedra arabica, *O Archeologo Português*, vol. XIV, pp. 55,56.
- PEREIRA, F.A., 1914, por caminhos da Ericeira (Notas arqueológicas e etnográficas), *O Archeologo Português*, vol. XIX, pp. 325-362, X ests.
- QUEIROZ, J., 1907, *Cerâmica Portuguesa*, Typographia do Anuario Comercial, 449 pp., 195 figs, Lisboa.
- RAFAEL, L., 1999, Estudo do armamento islâmico procedente da escavação na encosta do castelo e na alcáçova de Mértola, *Arqueologia Medieval*, nº 6, pp. 123-132.
- RAMOS, C., MARTINS, A., MURALHA, J., e ESTORNINHO, A., 1993, O castelo de Aljustrel (Campanhas de 1989 e 1992), *Vipasca* nº 2, pp. 11-39.
- RASTEIRO, J., 1897, Noticias archeologicas da Península da Arrabida, *O Archeologo Português*, pp. 1-48.
- REAL, M.L., 1995, Inovação e resistência: Dados recentes sobre a Arqueologia Cristã no Ocidente Peninsular, *IV Reunión d'Arqueologia Cristiana*, pp. 17-68, Institut d'Etudis Catalans, Barcelona.
- REI, A., 2000, O Castelo de Valongo-Estudos métrico-constutivo e histórico-espacial, *A Cidade de Évora*, II série, nº 4, pp. 199-218.
- RELAT, M.A., BRUY, J.O., e CHIC, G.S., 1993, Alcaria Ruiva: Un assentement rural a l'Alentejo, *Arqueologia Medieval*, nº 4, pp. 61-72.
- RIOS, A. de los, 1886, Secção de Archeologia, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 2ª série, tomo VI, pp. 100,101.
- ROCHA, A., S., 1895, Noticia de algumas estações romanas e árabes do Algarve, *O Archeologo Português*, vol. 1, pp. 113-116, 200-207.
- ROCHA, A.S., 1897, *Memorias sobre a Antiguidade*, Imprensa Lusitana, 269 pp., Figueira da Foz.
- ROCHA, A.S., 1909, Noticia de alguns silos e louças arabes do Algarve, *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, tomo I, pp. 20,21, III est.
- SÁ, B. de, 1906, Relatório de uma excursão archeologica ao Alentejo e Algarve, *O Archeologo Português*, vol. XI, pp.197-201.
- SANTOS, M.L.E. da V.A. dos, 1972, *Arqueologia Romana do Algarve*, vol.II, 425 pp., 6 mapas, Associação dos Archeólogos Portugueses, Lisboa.
- SARANTOPOULOS, P., 2000, Actividade arqueológica em Évora na última década do século XX, *A Cidade de Évora*, II série, nº 4, pp. 9-34.
- SEYBOLD, C.F., 1903, Onomatologia arábico-portuguesa, Monchique e Arrifana d'Algarve, chez les auteurs arabes, *O Archeologo Português*, vol. VIII, pp. 123-126.

- SIDARUS, A., e TEICHNER, F., 1997, Termas romanas no Gharb al-Andalus. As inscrições árabes de Milreu (Estói), *Arqueologia Medieval*, nº 5, pp. 177-189.
- SILVA, L. da, 1992, O cadinho de ourives de prata do silo nº 5 de Mértola-relatório da análise, *Arqueologia Medieval*, nº 1, pp. 35-37.
- SOARES, A.M.M., 1993, Um molde islâmico encontrado em Pias (Serpa), *Arqueologia Medieval*, nº 2, pp. 219, 220.
- STIERHIN, H., 1997, *Islão de Bagdade a Córdoba, A Arquitectura Primitiva do Século VII ao Século XIII*, Ed. Taschen, 240 pp., Lisboa.
- TEICHNER, F., 1994, Acerca da vila romana de Milreu/Estói. Continuidade de ocupação na Época Árabe, *Arqueologia Medieval*, vol. 3, pp. 89-100.
- TEICHNER, F., 1998, A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão (Lisboa), *Actas das Segundas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, pp. 17-31, Ed. Câmara Municipal de Tondela, Tondela.
- TORRES, C., 1985, Uma proposta de interpretação funcional para os conhecidos <<cabos de faca>> já com longa história na arqueologia ibérica, *Actas del I Congreso de Arqueologia Medieval Española*, vol. I, pp. 331-341, Huesca.
- TORRES, C., 1986, Um lote cerâmico da Mértola islâmica, *Actas do I Congreso de Arqueologia Medieval Española*, pp. 193-228, Huesca.
- TORRES, C., 1987, *Cerâmica Islâmica Portuguesa*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- TORRES, C., 1992, O Garb al-Andalus, *História de Portugal*, vol. I, pp. 361-415, Ed. Círculo dos Leitores, Lisboa.
- TORRES, C., 1995, Mértola na época islâmica: *O espaço doméstico*, *Ethno-Archéologie Méditerranéenne*, nº 54, pp. 105-119, Casa de Velázquez, Madrid.
- TORRES, C., e OLIVEIRA, F., 1987, O criptopórtico-cisterna da alcáçova de Mértola, *Actas do II Congreso de Arqueologia Medieval Española*, pp. 617-626, Madrid.
- TORRES, C., PALMA, M.P. da, REGO, M., e MACIAS, S., 1991, Cerâmica islâmica de Mértola-propostas de cronologia e funcionalidade, *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, pp. 497-536, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- TORRES, C., e MACIAS, S., 1995, A Arte islâmica no Ocidente Andaluz, *História da Arte Portuguesa*, direcção Paulo Pereira, vol. I, pp. 150-177.
- TORRES, C., PALMA, M.P. da, REGO, M., e MACIAS, S., 1996, Técnicas e utensílios de conservação dos alimentos na Mértola islâmica, *Arqueologia Medieval*, nº 4, pp. 203-217.
- VARGAS, M.F. de, 1907, Appenso ao "Catalogo das Moedas e Medalhas do Museu do Carmo" – Moedas Arabico-Hispanicas, *Boletim de Architectura e Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 4ª série, tomo XI, nº 4, pp. 230-235.
- VARGAS, M.F. de, 1907a, Materiaes para o estudo das moedas arabico-hispanicas em Portugal, *O Archeologo Português*, vol. XII, pp. 1-22.
- VARGAS, M.F. de, 1914, Materiaes para o estudo das moedas arabico-hispanicas em Portugal, *O Archeologo Português*, vol. XIX, pp. 193-200.
- VARGAS, M.F. de, 1915, Materiaes para o estudo das moedas arabico-hispanicas em Portugal, *O Archeologo Português*, vol. XX, pp. 274-301.
- VARGAS, M.F. de, 1916, Nótulas numismáticas, *O Archeologo Português*, vol. XXI, pp. 271-316.
- VASCONCELLOS, C.M. de, 1919-20, André de Rezende e a crónica do mouro Rasis, *O Archeologo Português*, vol. XXIV, pp. 177-193.
- VASCONCELLOS, J.L. de, 1895, Notícias várias- 2. Moedas árabes de Alportel, *O Archeologo Português*, vol. I, pp. 301-310.
- VASCONCELLOS, J.L. de, 1897, Aquisições do Museu Ethnologico Português, *O Archeologo Português*, vol. III, pp. 122-125.
- VASCONCELLOS, J.L. de, 1899-1900, Da Lusitania à Bética, *O Archeologo Português*, vol. V, pp. 225-249.
- VASCONCELLOS, J.L. de, 1902, Candeias Árabes do Algarve, *O Archeologo Português*, vol. VII, pp. 119-125.
- VASCONCELLOS, J.L. de, 1903, Archeologia do districto de Bragança, *O Archeologo Português*, vol. VIII, pp. 250-255.
- VASCONCELLOS, J.L. de, 1914, Excursão arqueológica à Extremadura Transtagana, *O Archeologo Português*, vol. XIX, pp. 300-323, XI ests.
- VASCONCELLOS, J.L. de, 1915, *Historia do Museu Etnológico Português*, Ed. Imprensa Nacional, 444 pp., XLI ests, Lisboa.
- VASCONCELLOS, J.L. de, 1917, Coisas Velhas, *O Archeologo Português*, vol. XXII, pp. 107-169.
- VASCONCELLOS, J.L. de, 1918, Pelo Sul de Portugal, *O Archeologo Português*, vol. XXIII, pp.104-138.
- VASCONCELLOS, J.L. de, 1919-20, Coisas velhas, *O Archeologo Português*, vol. XIV, pp. 215-237.
- VASCONCELLOS, J.L. de, 1930-31, Excursão pelo Baixo-Alentejo, *O Archeologo Português*, vol. XXIX, pp. 230-246.
- VEIGA, S.P.M.E. da, 1880, *Memoria das Antiguidades de Mértola*, Imprensa Nacional, 189 pp., Lisboa.
- VEIGA, S.P.M.E. da, 1887, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. I, Imprensa Nacional, 609 pp., XXVIII + XII + IV ests, Lisboa.
- VEIGA, S.P.M.E. da, 1889, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. III, Imprensa Nacional, 398 pp., XXVIII ests, Lisboa.
- VEIGA, S.P.M.E. da, 1905, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, *O Archeologo Português*, vol. X, pp.107-118.

- VEIGA, S.P.M.E. da, 1910, Antiquidades Monumentaes do Algarve, *O Archeologo Português*, vol. XV, pp. 209-233, 5 mapas.
- VIANA, A., 1945, Museu Regional de Beja - Secção Lapidar, *Arquivo de Beja*, vol. II, pp. 232-265.
- VIANA, A., 1946, Museu Regional de Beja. Alguns objectos da Idade do Bronze, da Idade do Ferro e da Época Romana; Cerâmica Argárica; Cerâmica Árabe, *Arquivo de Beja*, vol. III, pp. 309-339.
- VIANA, A., 1958, Castro de Nossa Senhora da Cola (Ourique) *Arquivo de Beja*, vol. XV, pp. 25-35.
- VIANA, A., 1959, Notícias Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo, 1 - Castro de Nossa Senhora da Cola (Ourique) *Arquivo de Beja*, vol. XVI, pp. 3-24.
- VIANA, A., 1960, Notas históricas arqueológicas e etnográficas do Baixo-Alentejo. Senhora da Cola, *Arquivo de Beja*, XVII, pp. 138-229.
- VIANA, A., 1961-62, Algumas noções elementares de Arqueologia, *Arquivo de Beja*, XVIII-XIX, pp. 24-211.
- VIANA, A., FORMOSINHO, J., e FERREIRA, O. da V., 1953, De lo prerromano a lo arabe en el Museo Regional de Lagos, *Archivo Español de Arqueologia*, vol. XXVI, pp. 113-138, VIII ests.
- VIEGAS, C., e ARRUDA, A.M., 1999, Cerâmicas islâmicas da alcáçova de Santarém, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 2, nº 2, pp. 105-186.
- N/A, 1842, Portugal-Silves, *O Panorama, Jornal Literário e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, vol. VI, pp. 209-211.
- N/A, 1894, Antigas Fortificações, *Boletim da Real Associação dos Architecos Civis e Archeologos Portuguezes*, 3ª série, tomo VII, p. 203.
- N/A, 1908, Academia das Belas-Artes de Lisboa, *Boletim da Real Associação dos Architecos Civis e Archeologos Portuguezes*, 4ª série, tomo XI, nº5, pp. 289-360.

